

# Barack Obama Enquanto Impulsionador de Mudança

Daniela Cardanha Mano

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Citação: Daniela Cardanha Mano, “Barack Obama Enquanto Impulsionador de Mudança”. *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, nº 5, 2016: 54-57. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ler.letras.up.pt/>.

## Resumo

No dia quatro de Novembro de 2008 Barack Obama foi eleito o quadragésimo-quarto Presidente dos Estados Unidos e o primeiro Presidente afro-americano. Esta primeira vitória eleitoral e a reeleição em 2012 reforçaram a visão de uma América pós-racial, que já começava a ganhar força com a sua própria candidatura presidencial. No entanto, apesar de se manifestarem de forma relativamente subtil, os preconceitos raciais ainda estão bem presentes nos Estados Unidos. O objectivo deste artigo é a problematização da presidência de Barack Obama enquanto agente de mudança social, política e económica na sociedade norte-americana, de forma a compreender o impacto de um Presidente afro-americano nos E.U.A..

**Palavras-chave:** Barack Obama; E.U.A.; racismo; pós-racial; política.

Em 2010 Steven Levingston afirmou que o silêncio de Barack Obama face às questões raciais criou e reforçou a ilusão de uma América onde a discussão da raça já não era pertinente: *“the president’s studied silence on race - and many white Americans’ insistence on their colorblindness - leave America’s real racial problems mostly unaddressed”* (Levinston). De facto, o Presidente norte-americano continua hoje a ser o principal agente na construção e na difusão da visão de uma América pós-racial, não só por ser um Presidente afro-americano, mas também, e principalmente, devido à sua passividade perante questões raciais.

A figura do Presidente Barack Obama como impulsionadora de mudança é portanto paradoxal, pois a sua condição como afro-americano simboliza mudança, mas, ao mesmo tempo, a sua postura assenta na continuidade com o passado de desigualdade racial. O Presidente norte-americano cria assim uma dinâmica bastante complexa no debate racial na sua sociedade.

O objetivo deste trabalho foi precisamente a análise e a problematização desta

dinâmica criada por Barack Obama, de forma a compreender o impacto de um Presidente afro-americano nos E.U.A.. Na primeira parte do trabalho foram estabelecidas as circunstâncias em torno das eleições e dos mandatos presidenciais, de que forma a raça influenciou o discurso político de Barack Obama, bem como os contextos nos quais o democrata tentou manter uma postura de compromisso. Para tal, foram analisadas algumas das situações mais polemicamente marcantes, assim como algumas das estratégias políticas adotadas pelos candidatos democratas e republicanos para enfrentar questões e tensões raciais. Esta primeira parte do trabalho é fundamental para compreender a complexidade desta postura do Presidente norte-americano, e para também perceber as dificuldades e as consequências de tal postura numa sociedade que, a meu ver, afinal não é pós-racial.

Compreender a postura de conformismo do Presidente Barack Obama e a importância da raça na sociedade americana é fulcral, pois estes são elementos centrais na edificação de toda uma retórica pós-racial. Deste modo, na segunda parte do trabalho foi analisada e problematizada a forma como o Presidente norte-americano se apropria de alguns elementos históricos e míticos necessários para esta construção retórica.

São precisamente dois dos aspetos centrais desta retórica, a imagem de excecionalidade e de união que Barack Obama visa criar quando se identifica com Abraham Lincoln e a reinterpretação da Constituição, que pretendo sublinhar com este artigo. Na verdade, embora a imagem de Lincoln como unificador faça parte da memória coletiva da sociedade americana, aquela é também, em muito, ficcional. Abraham Lincoln apenas se opôs à escravatura quando se tornou claro que o Sul não aceitaria a reintegração na União e, assim sendo, a abolição foi encarada como um meio para enfraquecer o Sul e anexá-lo ao Norte. A decisão, por parte deste republicano, de apoiar a abolição não foi, portanto, motivada essencialmente por questões que se prendiam com a raça e a imoralidade em torno do tratamento dos negros, mas foi sim muito mais motivada por questões de natureza militar, política e económica. Segundo Thomas DiLorenzo, um professor de economia da Universidade de Loyola em Maryland e o autor de *The Real Lincoln: A New Look at Abraham Lincoln, His Agenda, and an Unnecessary War*, a imagem de Lincoln como um homem de um forte sentido moral é resultado de uma construção (13). Há, assim, um desencontro entre a realidade e a imagem que se criou da presidência de Abraham Lincoln.

Curiosamente, Barack Obama tem-se apresentado como um Presidente unificador, capaz de resolver a atual crise económica e, portanto, aproxima-se das conceções mais ficcionais em torno de Lincoln de modo a projetar uma imagem de excecionalidade. Contudo, o Presidente afro-americano continua a revelar uma retórica que ignora as questões raciais e, logo, uma postura de compromisso e equilíbrio que em muito recorda a de Lincoln face ao negro no contexto da igualdade. A maior semelhança entre ambos os Presidentes é provavelmente esse desencontro entre a realidade e a imagem ficcional, ou a ilusão, que configura as suas presidências como historicamente extraordinárias. Na verdade, apesar de ser mais a imagem ficcional de Abraham Lincoln que permanece na memória coletiva dos norte-americanos, a sua presidência, tal como a de Barack Obama, não é, contudo, tão excecional como se poderia considerar.

O segundo elemento fundamental para a construção desta narrativa pós-racial é a Constituição, que, segundo o Presidente, sempre teve no seu núcleo o potencial para uma sociedade livre e justa. Porém, esta promessa ainda não terá sido cumprida e, assim, o documento mantém-se inacabado. Consequentemente, persiste a necessidade de aperfeiçoar a União, alargando a promessa de igualdade, liberdade e oportunidade a todos americanos, ou seja, expandindo o sonho americano. No entanto, esta interpretação da Constituição é extremamente problemática, pois ignora a centralidade da discriminação racial e social na criação deste documento, e logo não encara a desigualdade racial como enraizada na sociedade norte-americana. Deste modo, torna-se possível para Barack Obama advogar uma América onde a discussão de questões raciais já não é pertinente, uma vez que as injustiças do passado, sendo isoladas, não criaram repercussões no presente. A retórica pós-racial utilizada por Barack Obama é, portanto, extremamente problemática, pois, ao considerar a escravatura e a injustiça racial problemas isolados numa narrativa constitucional de igualdade, o Presidente ignora a persistência da centralidade da raça na atual sociedade americana. Deste modo, Barack Obama simplifica e compartimenta o passado histórico de forma a consolidar a ilusão da América como uma sociedade pós-racial.

É importante sublinhar, contudo, que, apesar de o atual Presidente parecer ser incapaz de criar mudanças significativas no que se prende com as questões de raça na sociedade norte-americana, a mera presença de Barack Obama na Casa Branca reabriu o debate racial. Para Todd Boyd, um professor universitário especializado em cultura de massas, a ligação entre o recente interesse de Hollywood em filmes sobre a experiência afro-americana nos Estados Unidos e o Presidente afro-americano é bastante óbvia: *"the visibility of the nation's first African American president has made the issue of race visible throughout the culture and one of the places we are seeing that is in Hollywood"* (cit. in Milliken). No entanto, é importante notar que ao não participar ativa e diretamente no debate racial, o Presidente ignora a centralidade da raça na sociedade americana e, desse modo, acaba por reforçar a ilusão de uma sociedade pós-racial. Assim, o atual Presidente torna-se numa figura paradoxal: a sua condição como afro-americano reforçou a sua mensagem de mudança, mas esta, ao mesmo tempo, impede-o também de criar políticas que verdadeiramente transformariam a sua sociedade. Contudo, Randall Kennedy defende que a postura de compromisso de Barack Obama foi a única opção viável numa sociedade cujo racismo está fortemente enraizado na sua cultura e, em 2011, concluiu que o Presidente continuaria determinado em não sair da "zona de conforto" da maioria dos eleitores americanos:

On no topic is his caution more evident than race relations. Because that topic remains volatile and because his blackness makes him particularly vulnerable to demagoguery, Obama avoids confronting the American race question, thus underscoring its central but repressed and paradoxical presence in the political culture of the United States. (238)

A postura do Presidente afro-americano reforça a ideia de que não há lugar para a discussão de problemas e questões raciais nos E.U.A. e, deste modo, os Estados Unidos

continuam a dar indícios de serem uma sociedade incapaz de abordar e resolver tensões raciais. De facto, segundo Eduardo Bonilla-Silva e Louise Seamster, o “status quo” racial e a consequente injustiça são mantidos através de uma nova ideologia racial que se manifesta de forma aparentemente menos preconceituosa do que no passado e que, por esta razão, é denominada “color-blind racism” (Go 145). Deste modo, o “fenómeno Obama” poderá não ser uma mudança histórica, mas, pelo contrário, uma continuação do passado racista.

Para estes autores a presidência de Barack Obama foi sobretudo simbólica, já que foi responsável por reforçar a ilusão da sociedade norte-americana como pós-racial e, conseqüentemente, acabou por dificultar esse debate. Ou seja, apesar de o Presidente ter dado visibilidade à experiência afro-americana nos Estados Unidos, tal como Todd Boyd sugere, a sua postura passiva perante o debate racial perpetua a ilusão de uma sociedade onde a discussão de questões raciais já não é pertinente. De facto, o impacto social do “fenómeno Obama” parece pouco significativo a este nível. Depois de uma presidência supostamente excepcional e quase que redentora de uma longa história de injustiça racial, a sociedade norte-americana assiste agora à ascensão política de um indivíduo como Donald Trump, cujo discurso é de tal modo radical e intolerante que fragmentou o próprio partido Republicano, talvez até de forma irreparável (Ball).

## Obras Citadas

- Ball, Molly. “The Day the Republican Party Died”. *The Atlantic*, 4 Maio 2016. Web. 26 Dez. 2016. <<http://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/05/the-day-the-republican-party-died/481176/>>.
- DiLorenzo Thomas, *The Real Lincoln: A New Look at Abraham Lincoln, His Agenda, and an Unnecessary War*. Westminster: Crown Publishing Group, 2009.
- Go, Julian, ed. *Rethinking Obama*, Bingley: Emerald, 2011.
- Kennedy, Randall. *The Persistence of the Color Line: Racial Politics and the Obama Presidency*. New York: Pantheon Books, 2011.
- Levingston, Steven E. “The myth of post-racial America”. *The Washington Post* 10 Junho 2010.
- Milliken, Mary. “Hollywood reflects on race in year of black, civil rights films”. *Reuters*, 26 Agosto 2013. Web. 26 Dez. 2016. <<http://www.reuters.com/article/entertainment-us-race-idUSBRE97P0GE20130826>>.